

REFLEXÕES SOBRE A INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL EM UM PARQUE NATURAL NA ALEMANHA: CAMINHANDO EM UMA PAISAGEM COM FLORES E OVELHAS

DOUGLAS DE SOUZA PIMENTEL¹

DOI: <https://doi.org/10.47977/2318-2148.2024.v12n17p01>

RESUMO

Freeman Tilden estabeleceu o conceito de Interpretação e a sua relação com a estruturação de um processo educativo em um espaço não formal de ensino. Este artigo objetiva relatar as experiências de uma viagem à Alemanha, para participar do 12º *Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected Areas* (MMV), focando nas atividades de campo proporcionadas pelo evento acadêmico. Foi gratificante vivenciar de maneira prática o ganho de novas cores e dimensões, quando a informação revela novos sentidos para o que está sendo observado. No entanto, houve problemas de acesso à informação por conta de barreiras da língua e internet. As lições que ficam referem-se à possibilidade de recuperação de áreas degradadas e a necessária gestão ambiental com a participação comunitária, considerando a paisagem mantida pelas relações ecossistêmicas em que a sociedade humana está inserida.

Palavras-chave: Sensibilização; Equipamentos de interpretação ambiental, Uso público, Áreas protegidas

REFLECTIONS ON ENVIRONMENTAL INTERPRETATION IN A NATURAL PARK IN GERMANY: WALKING IN A LANDSCAPE WITH FLOWERS AND SHEEP

ABSTRACT

Freeman Tilden framed the concept of Interpretation and its relation to structuring an educational process in a non-formal teaching space. This article aims to present the experiences of a trip to Germany to participate in the 12th Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected Areas (MMV), with an emphasis on the field activities offered by this academic event. It was very gratifying to realize the fact, in a very practical way, that information concedes new meanings when new colors and dimensions keep on being gained from what one is observing. Language and internet barriers made access to information problematic. The other lessons refer to retrieving the degraded areas, environmental management that has been undertaken with community participation, considering the landscape conserved by the ecosystemic relationships in which human society is inserted.

Keywords: Awareness raising; Environmental interpretation equipment, Public use, Protected areas.

INTRODUÇÃO

Bases da interpretação ambiental

Freeman Tilden (1883-1980) foi o coordenador da gestão de visitantes do *National Park Service*, que é uma agência do governo federal dos Estados Unidos da América responsável pela administração das áreas protegidas naquele país. Pode-se dizer, grosseiramente, uma agência correlata ao Instituto Chico Mendes de Conservação da

¹ Professor titular da UERJ e Coordenador de Extensão do Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável da Ilha Grande – CEADES. douglasgeia@gmail.com

Biodiversidade (ICMBio). Dessa maneira, acumulou enorme experiência sobre o tema e, em 1957, publicou a primeira edição do livro “*Interpreting our heritage*” (Tilden, 1977).

Naquela época, esse autor estava preocupado em aprofundar e fundamentar filosoficamente o conceito de “interpretação”, relacionando-o ao processo de gestão do patrimônio socioambiental, como aquele guardado por instituições como os museus e os parques. Nesse sentido, estabelece logo nas primeiras páginas do seu livro a relação do conceito com a estruturação de um processo educativo em um espaço não formal de ensino, porém relacionando-o à necessidade de um arcabouço administrativo institucionalizado.

Outro fundamento do conceito de interpretação relaciona-se à oportunidade única, oferecida por esses espaços institucionalizados (Pimentel; Magro, 2011), de proporcionar uma experiência sensorial, inspiradora e até espiritual, transformadora das percepções subjetivas (Tilden, 1977). Dessa maneira, definiu a interpretação ambiental como: “uma atividade educativa que visa revelar significados e relações através do uso de objetos originais, pela experiência em primeira mão e por meios ilustrativos, em vez de simplesmente comunicar informações factuais” (Tilden, 1977, p. 8).

O autor destaca, ainda, que essa definição não deve ser entendida como limitadora, mas que, sim, deve ser ampliada pelo estudo; conjugada com um modo sensível de agir, de modo que se possa traduzir informações e dados reais para diferentes públicos, encaixar as observações nas representações do real e buscar as “verdades” naquilo que é interpretado.

O verdadeiro intérprete não descansará em nenhuma definição de dicionário. Além de estar pronto em suas informações e estudioso em seu uso da pesquisa, ele vai além do aparente para o real, além de uma parte para um todo, além de uma verdade para uma verdade mais importante (Tilden, 1977, p. 8).

Assim, Tilden (1977) aconselha ao intérprete que, de maneira pessoal, busque revelar as verdades maiores por trás dos fatos declarados, o que o presente autor considera como uma forma de se alcançar uma satisfação pessoal no processo. Além disso, acrescenta que o despertar da curiosidade pela interpretação tem o potencial de enriquecer a mente e o espírito humano.

Dessa maneira, preocupado com um embasamento mais profundo ao conceito de interpretação, o autor estabelece seis princípios que guiam as ações de interpretação ambiental (Tilden, 1977. p. 9):

I. Qualquer interpretação que não relacione de alguma forma o que está sendo exibido ou descrito a algo dentro da personalidade ou experiência do visitante será estéril. II. Informação, como tal, não é Interpretação. A interpretação é a revelação baseada em informações. Mas são coisas totalmente diferentes. No entanto, toda interpretação inclui informações. III. A interpretação é uma arte que combina muitas artes, sejam os materiais apresentados científicos, históricos ou arquitetônicos. Qualquer arte é, em algum grau, ensinável. IV. O objetivo principal da Interpretação não é a instrução, mas a provocação. V. A interpretação deve ter como objetivo apresentar um todo em vez de uma parte, e deve se dirigir ao homem inteiro e não a qualquer fase. VI. A interpretação dirigida a crianças (digamos, até a idade de doze anos) não deve ser uma diluição da apresentação para adultos, mas deve seguir uma abordagem fundamentalmente diferente. Para estar no seu melhor, será necessário um programa separado.

Em síntese, Freeman Tilden acreditava que o visitante tinha que ser ligado emocionalmente ao processo interpretativo e, portanto, este deveria conectar-se subjetivamente ao visitante. Nesse sentido, o autor considera que “(...) certamente a

matéria-prima da interpretação é a informação” (Tilden, 1977, p. 22), mas ressalta que essa última está contida na primeira. Destaca ainda a relação da interpretação com a educação e a habilidade de contar histórias, pois argumenta que apresentar ideias e informações de forma criativa, clara, que não se revelam imediatamente e que tocam as pessoas individualmente, é quase uma arte.

Por fim, destaca o que se almeja desde o início: a preservação do que está sendo interpretado (Tilden, 1977. p. 38):

(...) Encontro no Manual Administrativo do Serviço de Parques uma declaração concisa e profunda, e meus mais sinceros agradecimentos vão para quem quer que a tenha expressado: “Por meio da interpretação, compreensão; através da compreensão, apreciação; através da apreciação, proteção.

Dessa maneira, como o autor do presente texto lida com as questões relacionadas a visitação em áreas protegidas, e considerando que o objetivo último do seu trabalho é a gestão para a conservação ambiental, vai nominar o processo de interpretação ambiental.

Este artigo objetiva relatar as experiências de uma viagem recente à Alemanha, para participar do 12º *Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected Areas* (MMV), focando nas atividades de campo proporcionadas pelo evento acadêmico e buscando relacionar as suas observações com os princípios estabelecidos por Freeman Tilden para a interpretação ambiental.

DESENVOLVIMENTO

O *Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected Areas* (MMV)

A primeira edição do MMV aconteceu em Viena, na Áustria, em 2002. Desde então, o evento acontece de dois em dois anos em diferentes locais europeus e almeja constituir um fórum de discussão sobre o monitoramento e gerenciamento de visitantes em áreas protegidas, sempre oferecendo oportunidades de interlocução entre a pesquisa e os profissionais de campo (MMV12, 2024). Nesse sentido, além de sua feição tradicional, calcada em apresentações orais e pôsteres, o evento oferece aos participantes a oportunidade de vivenciar, na prática, a visitação em áreas protegidas em diferentes paisagens europeias, geralmente em cidades com menor fluxo de turismo de massa internacional. O autor do presente texto já participou do MMV8, que aconteceu em Novi Sadi, Sérvia (2016); e do MMV9, em Bordeaux, França (2018), e realmente constatou a ótima oportunidade de troca de saberes e experiências oferecidas pelo evento. No corrente ano, a cidade escolhida foi Schneverdingen, na Alemanha, tendo sido capitaneada pela *Alfred Toepfer Academy for Nature Conservation* sob o tema norteador “Recreação para todos – Inovações para navegar em múltiplos interesses de uso da terra”.

Paisagens, ovelhas e flores

A cidade de Schneverdingen é uma das portas de entrada do Parque Natural de *Lüneburger Heide*. Esse parque foi o primeiro da Alemanha e é um dos maiores parques naturais (*Naturpark*) do país, com 107 mil hectares. No coração do Parque Natural fica a Reserva Natural de *Lüneburger Heide* (*Naturschutzgebiet* – NSG), com 23.400 hectares

O sistema de áreas protegidas na Alemanha é complexo. Mas deve-se ter em mente que a aplicação do conceito de “natureza intocada” (Diegues, 2004) é difícil na Europa, que tem as suas paisagens intensamente manejadas há milhares de anos. Nesse sentido, os Parques Naturais abrangem grandes áreas que consistem de um mosaico de Áreas Protegidas com diferentes níveis de proteção legal das paisagens e da natureza, sob a lei de conservação da natureza (*Federal Nature Conservation Act*). Logo, esses Parques Naturais combinam a proteção e o uso da natureza, que não é entendida como uma entidade à parte das sociedades humanas e suas ações. Assim, buscam um equilíbrio entre a preservação ecossistêmica, o bem-estar econômico e uma alta qualidade de vida. Portanto, essas áreas são especialmente adequadas para a recreação, proporcionando experiências desse conceito de natureza (LHNP, 2024).

Pode-se considerar que o *Lüneburger Naturpark* representa esse conceito de manejo milenar da paisagem, uma vez que interações socioambientais desempenharam um papel importante na sua formação. A sua estrutura foi moldada pelas eras glaciais, e a partir do período Neolítico já havia assentamentos e cultivos humanos na região, o que fez recuar a floresta e avançar as áreas alagadas. Hoje em dia, a paisagem é manejada por uma interessante relação entre turismo, cultivos e criação de ovelhas!

Durante a floração das urzes (*Calluna vulgaris*) em agosto e setembro, forma-se um tapete roxo de flores em muitos lugares do Parque Natural (Figura 2). A paisagem característica é o ponto central das atividades turísticas locais. Em todo lugar, do hotel ao supermercado, há imagens dos campos floridos, e as urzes são a estrela principal, apresentando um lugar de destaque nos jardins das casas e no comércio (Figura 3). As ovelhas *Heidschnucken* são as manejadoras da paisagem. O seu pastoreio mantém essas feições, pois comem os brotos das árvores e evitam que bétulas e pinheiros se espalhem pela charneca. Há também o manejo pelo fogo, e para manter a população controlada, são abatidas para o consumo da carne e a confecção de artesanato local (Figura 4). Para completar, as suas fezes servem de esterco para vários cultivos, e o círculo se fecha para a manutenção da paisagem cultural (LHNP, 2024).



Fonte: Elaborado pelo autor

Figura 2. Paisagens dominadas pela floração das urzes (*Calluna vulgaris*).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 3. Urzes (*Calluna vulgaris*) nos campos e as vendidas no comércio.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 4. As ovelhas *Heidschnucken* e o artesanato local.

Atividades de interpretação ambiental

Este artigo é resultado de duas motivações principais: a primeira, relacionada a outro artigo desta edição, que busca relatar as experiências do seu autor nas visitas e percepções sobre diferentes parques no Canadá. O foco na interpretação ambiental, além de fazer parte das atividades acadêmicas do presente autor, foi estimulado por uma experiência que se deu na cidade de Kassel, situada no norte do estado de Hessen, na Alemanha central.

Em diferentes ruas e praças, havia carvalhos (*Quercus sp*), invariavelmente acompanhados de uma rocha – um banco? Um marco? –, e isso atiçou a curiosidade para entender o seu por quê (Figura 5). Até que uma placa interpretativa encontrada na praça dos museus deu outra dimensão à observação (Figura 5). Aquela era uma obra de arte de Joseph Beuys, artista alemão nascido no dia 12 de maio de 1921. Em 1982, na Documenta 7 – uma das exposições de arte moderna mais importantes do planeta –, o artista lançou o projeto “Sete mil carvalhos”, que objetivava o plantio dessas 7 mil árvores por toda a cidade, sempre ao lado de uma rocha de basalto, concretizando a sua ideia de “escultura social” transformadora do meio ambiente (Cypriano, 2021).

Esse desvelar lembrou os princípios de Tilden para a interpretação ambiental, pois partiu da observação do visitante, que foi provocado pela paisagem modificada pela arte e transcendeu a mera informação. Assim, a informação trouxe novas cores ao que foi notado, tornando uma experiência subjetiva em uma que poderia ser compartilhada.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 5. Os carvalhos (*Quercus* sp) nas ruas de Kassel e os cartazes para a sua interpretação.

Ao longo do MMV12, foram realizadas duas visitas a diferentes áreas do *Lüneburger Heide Naturpark*, incluindo o *Pietzmoor*, pântano de terras altas de aproximadamente 2,5 km². As visitas foram feitas a pé, de bicicleta e com transporte automotivo, e ocorreram de forma guiada por pessoas ligadas às instituições promotoras locais do evento. Houve também visitas individuais, quando o autor experimentou diferentes localidades do parque natural, mas de forma autoguiada por uma série de equipamentos de uso público. Houve, portanto, visitas prévias e posteriores à realização do encontro acadêmico.

A primeira visita ocorreu no dia 1º de setembro de 2024, em uma localidade próxima chamada Tütsberg, onde acontecia uma feira rural. O deslocamento foi realizado de bicicleta. A indicação de visita ao evento foi sugerida pelos organizadores do MMV12, em comunicação pessoal e na página do evento (MMV12, 2024). Na oportunidade, verificou-se, em conversa com trabalhadores brasileiros do comércio local, que os mesmos não sabiam informar sobre essa feira rural.

O deslocamento de ida e de retorno se deu por uma rede de ciclovias dentro do parque natural, um equipamento de uso público bastante utilizado e orientado por placas com a distância e o sentido, bem como por quiosques com mapas e informações disponibilizadas para o celular por códigos QR. No entanto, como estrangeiros, houve dificuldade de acesso às informações, tanto por problemas do viajante em obter acesso à internet, quanto pelas placas que se encontravam em alemão (Figura 6). Na localidade, finalmente alcançada após perguntas e dúvidas com relação ao caminho a seguir, encontrou-se um grande exemplo da importância dada a todo o processo de gestão da paisagem em conjunto com os administradores das áreas protegidas e a participação comunitária, pois além da venda de produtos locais, havia uma série de estações para conhecimento da diversidade socioambiental local (Figura 6). A *Verein Naturschutzpark*

(VNP) é uma organização sem fins lucrativos fundada em 1909, e atua na gestão do *Lüneburger Naturpark* também organizando essas atividades (MMV12, 2024).



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 6. Estações de orientação no Parque Natural; estações de conhecimento sobre as técnicas construtivas tradicionais dos telhados e sobre os tipos de grãos cultivados na comunidade; e a biodiversidade (representada pela urze – *Calluna vulgaris* – e pela perdiz preta taxidermizada – *Lyrurus tetrix*).

As visitas guiadas ao longo do MMV aconteceram em transporte automotivo – no dia 2 de setembro – e de bicicleta – no dia 4 de setembro –, quando foi possível conhecer melhor o processo de gestão da Organização não Governamental (ONG) citada e a paisagem característica do local. No Pântano de *Pietzmoor* – no dia 4 de setembro –, houve a atuação de uma intérprete local (Figura 7), formada em ecologia e que atuava como condutora da trilha para a ONG, mas também inserida no programa de Educação Ambiental do *Naturpark*. Todo o processo de gestão regional é muito interessante, mas foi apontado um aspecto negativo que também afeta os programas de interpretação ambiental no Brasil: a falta de dinheiro para a estruturação e realização das atividades.

Posteriormente ao evento acadêmico, no dia 8 de setembro, foram realizadas visitas de bicicleta às áreas do Parque Natural em áreas próximas a Schneverdingen, bem como ao Pântano de *Pietzmoor*. Nesse sentido, houve mais tempo de realizar os registros fotográficos e de vivenciar autonomamente a visita.

A primeira impressão positiva refere-se à construção de extensa passarela, pois trata-se de uma área alagada (Figura 7). A segunda estava relacionada à história local de

recuperação ambiental, uma vez que o pântano fora praticamente inteiramente drenado para a exploração da turfa. A terceira foi a observação de um conjunto de equipamentos para interpretação ambiental, e considerados assim, pois envolviam alguns princípios estabelecidos por Tilden (1977) e estavam estruturados para provocar o observador e revelar a informação ao visitante de forma lúdica e interativa, chamando a atenção de adultos, mas particularmente das crianças (Figura 7). No entanto, talvez por estarem voltados para o turismo interno e regional, todas as placas de interpretação ambiental estavam em alemão.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 7. Passarela construída para permitir a visita ao Pântano de *Pietzmoor* e dois equipamentos de interpretação ambiental. O primeiro constitui-se por uma série de tubos que direcionam o olhar para o que está sendo destacado na paisagem, com textos no interior do tubo. O segundo refere-se a uma placa interativa, pois o botão pode ser girado para se obter mais informações.

Considerações finais

De uma forma geral, foi gratificante vivenciar, de maneira prática e ao longo de toda a viagem, os princípios da interpretação ambiental, como colocados por Tilden, particularmente o ganho de novas cores e dimensões – quando a informação revela novos sentidos para o que está sendo observado. De maneira específica, a experiência vivenciada permitiu constatar que é possível realizar interpretação ambiental a partir de visitas guiadas e autoguiadas, quando o desvelar das características da paisagem é realizado de forma

lúdica, interativa e participativa. No entanto, houve problemas de acesso à informação por conta de barreiras da língua e internet. A falta de dinheiro e interesse governamental no financiamento dessas atividades, infelizmente, parece ser universal.

No que concerne à comunidade onde ocorreu o MMV12, as lições que ficam referem-se à possibilidade de recuperação de áreas degradadas e a necessária gestão ambiental com a participação comunitária, considerando a paisagem mantida pelas relações ecossistêmicas em que a sociedade humana está inserida.

REFERÊNCIAS

CYPRIANO, F. **Joseph Beuys e o abandono à arte**. Arte!Brasileiros. Publicado em 15 jun. 2021. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/arte/artigo/beuys-centenario/>. Acesso em: 29 set. 2024.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

LHNP. Lüneburg Heath Nature Park. **Naturpark Lüneburger Heide**. Disponível em: <https://naturpark-lueneburger-heide.de/en/lueneburg-heath-nature-park>. Acesso em: 26 set. 2024.

MMV12. **Monitoring and Management of Visitors in Recreational and Protected – 12º**. Alfred Toepfer Akademie für Naturschutz (MMV12). Camp Reinshlen, Schneverdingen, Germany. Disponível em: <https://www.mmv12.de/en/>. Acesso em: 29 set. 2024.

PIMENTEL, D. S.; MAGRO, T. C. Múltiplos olhares, muitas imagens: o manejo de parques com base na complexidade social. **GEOgraphia**, Niterói, v. 13, n. 26, p. 92-113, 2011. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2011.1326.a13626>

TILDEN, F. **Interpreting our Heritage**. 3. ed. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1977.